

## RELEMBRANDO A HISTÓRIA

Nesta seção estaremos republicando textos das revistas anteriores em sua primeira fase

# O CORPO CELESTIAL<sup>1</sup>

Thurmon Earl Bryant<sup>2</sup>

Quando Henry D. Thoreau estava morrendo, seu grande amigo, Parker Pillsbury, que permanecia ao seu lado, perguntou: “Henry, você está se aproximando da beira; pode enxergar alguma coisa no outro lado?” Thoreau respondeu: “Um mundo por vez, Parker!” Pillsbury replicou-lhe: “Mas, não pode deixar de contemplar aquele outro mundo, e se for o caso de eu pertencer a um mundo futuro assim como a este, minha vida será muito diferente ali”. O homem não se contenta com este mundo, mas naturalmente pensa na vida além-túmulo. Entre as várias questões que se faz sobre ela é que tipo de corpo será o corpo celestial.

Devemos declarar desde agora que o Novo Testamento não tem muitos esclarecimentos sobre o assunto. Contudo, tentaremos apontar alguns ensinamentos que virão iluminar-nos um pouco para que entendamos melhor este assunto empolgante. Não há dúvida que as Escrituras ensinam que na segunda vinda de Cristo, haverá a ressurreição do corpo e a união do corpo com a alma da qual estava separada durante o estado intermediário.

## IDÉIAS QUE INFLUENCIARAM O CONCEITO DO CORPO CELESTIAL NO NOVO TESTAMENTO

Os autores sagrados não chegaram às suas conclusões escatológicas sem passar por várias influências. Infelizmente, não podemos entrar nos pormenores de todas elas, mas é necessário uma lembrança do fato que o povo de Deus recebia o impacto dos ensinamentos de outras nações e diante deles reagiam e se expressavam. Observemos apenas algumas destas influências mais importantes para o nosso assunto.

### A sobrevivência após a Morte

Como Victor Hugo disse, “O túmulo não é rua sem saída, é avenida.”<sup>3</sup> É todo natural para o homem desejar viver eternamente. “Para o crente, a morte física não é penalidade.”<sup>4</sup> “Porque, se vivemos, para o Senhor vivemos; se

<sup>1</sup> Este artigo foi publicado originalmente no primeiro número da Teológica.

<sup>2</sup> Thurmon Earl Bryant é Bacharel em Artes, Bacharel em Divindades e Doutor em Teologia, foi Diretor da Faculdade Teológica Batista de São Paulo no período de 1961 a 1972, onde também foi professor de Ética, Bioética e Antigo Testamento, entre outras disciplinas. Atualmente está aposentado e vive na cidade de Forth Worth, no Texas, Estados Unidos da América.

<sup>3</sup> Augustus Hopkins Strong, *Systematic Theology* (Chicago: The Judson Press, 1949), 984.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 983.

morremos, para o Senhor morremos. De sorte que, ou vivamos ou morramos, somos do Senhor.”<sup>5</sup> O crente antecipa a vida futura, pois reconhece-a como a fase mais feliz da sua existência.

A idéia da sobrevivência após a morte, contudo, não é ensino apenas do Cristianismo. É característica de muitas das religiões do mundo. Um conhecimento superficial no campo de religiões comparadas confirma este fato. De maneira nenhuma isto quer dizer que o conceito é desenvolvido e expresso nos mesmos termos como está na religião cristã. As variações desta idéia abrangem desde a idéia da absorção mística no infinito, como no Hinduísmo filosófico, até a crença do Maometismo numa existência sensual no jardim de Alá, onde os homens se casam com “moças de olhos arregalados” e tomam vinho que não dói a cabeça, nem atrapalha a vista.

O que nos interessa é que mesmo entre não cristãos, a idéia de sobrevivência é dominante nas suas religiões. O sarcófago dos Egípcios foi denominado “gaveta dos viventes”. Nas paredes das pirâmides há muitas sentenças que indicam a crença numa vida além-túmulo. Os Gregos sobreviveram a morte. Assim, verificamos que também há a idéia de sobrevivência fora do Cristianismo.

## Os conceitos gregos

É difícil saber exatamente até que ponto a filosofia grega teve sua influência no Cristianismo. Não é de duvidar que os escritores sagrados tinham contacto e certo conhecimento dos vários ramos de

pensamentos correntes da sua época. É claro que em certos pontos do Novo Testamento a influência Grega é marcada.

O pensamento grego no tempo do Novo Testamento aceitou a imortalidade da alma mas rejeitou a ressurreição do corpo. Pelo menos, os Saduceus seguiam uma doutrina muito semelhante. A matéria era má e o espírito bom. A felicidade se encontrava por lançar para fora do corpo o que limitava as funções e o desenvolvimento da alma. Esta idéia é predominante atualmente no Catolicismo e em certos grupos extremistas do Protestantismo.

## Os conceitos hebraicos

Dos conceitos hebraicos que repercutiam nas doutrinas do Novo Testamento, o conceito do homem é de mais importância em relação ao nosso assunto.

O homem é composto de dois elementos., *basar* (carne ou corpo) e *nephesh* (alma). Alguns acham que *ruach* (espírito) é um terceiro elemento, mas Knudson, Davidson, Delitzsch e outros eruditos<sup>6</sup> acham que *ruach* é usada sinonimamente com *nephesh*. Os dois termos significam o princípio da vitalidade que resulta na vida psíquica do homem. O que nos interessa é que morte algo da natureza do homem sobrevive, seja *nephesh*, seja *ruach*, ou sejam os dois. O que sobrevive passa para a vida além ou Seol. Seol era lugar de esquecimento (Sl 88.12), de silêncio (Sl 94.17; 115.17) e onde havia certo grau de ciência de si e a possibilidade de mover e falar (Is 14.9-

<sup>5</sup> Rm 14.8.

<sup>6</sup> Cp. Albert C. Knudson, *The Religious Teaching of the Old Testament* (New York: The Abingdon Press, 1918), pp. 219-231 e Burton Scott Easton, “Resurrection”, *The Standard Bible Encyclopedia*, ed. James Orr (Grand Rapids: Wm. B. Erdmans Publishing Co., 1952), IV, p. 2562.

20). Os que ali estavam possuíam conhecimento de eventos futuros (1 Sm 28.13 – 20). A identidade racial era preservada e os que haviam sido assassinados em batalha levavam sinais de morte violenta (Ez 32.17 – 32). Os habitantes de Seol não são denominados almas, mas “sombrias” ou *rephaim*. Os *rephaim* são imagens sombrias da vida terrestre.

Há várias expressões da idéia de sobrevivência no Antigo Testamento. Gn 35.18 relata que Raquel morreu no nascimento de Benjamim e saiu dela a alma ou *nephesh*. Eclesiastes 12.7 diz que ao morrer o corpo volta para a terra, como o era, e o espírito ou *ruach* volta para Deus. Também, a ocasião da visita da pitonista de Em-Dor a Saul reflete o conceito de sobrevivência após a morte. Outras passagens que afirmam a existência deste conceito são Jó 13.14 – 15; 19.25 – 27; Sl 16, 17, 49 e 73.

Há uma tradição hebraica antiga que quando o homem morre, sua alma parte do corpo, mas permanece perto dele durante três dias para partir de uma vez quando começa a decomposição. Dr. Summers acha esta tradição interessante em vista da declaração de Maria a Jesus que Lázaro jazia no túmulo já *quatro* dias (Jo 11.39).<sup>7</sup>

Em outro conceito hebraico que influenciou a idéia do corpo celestial no Novo Testamento era o da ressurreição. A idéia da ressurreição do indivíduo é vaga no velho Testamento mas aparece. O indivíduo era valorizado por fazer parte da nação messiânica. Às vezes sua ressurreição tornou-se possível por ser um membro da nação de Israel (Is 26.19). No início da história de Israel, as Escrituras só referem a ressurreição dos justos. Segundo Isaias 24-27 não havia ressurreição dos ímpios.

Knudson crê que houve desenvolvimento da doutrina que seguia as seguintes linhas: primeiro, quando o Hebreu ficou ciente da sua importância como indivíduo, e não por ser participante da nação, começou a pensar também no seu destino eterno como indivíduo; segundo, (cp. Jó) a idéia de retribuição é estendida à existência além-túmulo; terceiro, a comunhão individual e pessoal com Deus tornou-se a mais alta expressão do bem-estar, relacionada à experiência após a morte.

Este desenvolvimento continuou durante o período intertestamentário. Ao término do Antigo Testamento a doutrina da ressurreição ficava cada vez mais clara. A literatura do período entre os testamentos revela muito progresso neste sentido. O movimento passou da idéia da ressuscitação do corpo e da restauração das funções humanas, para a de sobrevivência e fidelidade individual no céu ou miséria na Gehena. Os livros 1 Enoque, O Testamento dos Doze Patriarcas, 2 Enoque, 2 Baruque e 4 Esdras refletem a crença definida na sobrevivência e na ressurreição do corpo. Espera-se o Novo Testamento para dar esclarecimentos mais perfeitos.

No tempo de Jesus havia dois partidos religiosos principais – os Fariseus e Saduceus. A diferença entre eles era seu ponto de vista sobre a ressurreição. Os Saduceus rejeitaram a idéia da ressurreição dos mortos enquanto os Fariseus aceitaram-na. Esta diferença era aproveitada às vezes por Jesus e Seus discípulos para firmar os Seus argumentos (veja Mt 2.23 – 33 e At 23.6 – 10).

Vê-se, então, que a doutrina da ressurreição foi muito discutida pelos Hebreus e veio influenciar as doutrinas escatológicas dos Cristãos. Portanto, o

<sup>7</sup> Ray Summers, *The Life Beyond* (Nashville: Broadman Press, 1959), p. 48.

que nós temos no Novo Testamento sobre este assunto é o resultado de aperfeiçoamento dos pensamentos dos outros acrescentado pela revelação progressiva, resultado que é sólido, maduro e digno de aceitação.

## A BASE DA CRENÇA NUM CORPO CELESTIAL

A doutrina da ressurreição do corpo material é básica à crença num corpo celestial. A Bíblia não apresenta a vida além-túmulo sem ela estar intimamente relacionada à ressurreição do corpo material. Portanto, convém observar qual o significado da palavra “ressurreição” no Novo Testamento.

### Definição da palavra “ressurreição”

Reinhold Niebuhr declara: “A idéia da ressurreição do corpo é um símbolo bíblico em que a mentalidade moderna sente uma grande ofensa e tem sido substituída nas maiores versões da fé Cristã pela idéia da imortalidade da alma. Considera-se esta última idéia expressão mais plausível da esperança de vida eterna.”<sup>8</sup> Dr. Niebuhr expressa muito claramente a opinião da “mentalidade moderna” diante da doutrina da ressurreição. É interessante observar que Paulo não era desse pensamento quando disse; “Ora, se se prega que Cristo ressuscitou dos mortos, como dizem alguns dentre vós que não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é

vã a vossa fé.”<sup>9</sup> A ressurreição para Paulo não era meramente um “símbolo” que expressa a imortalidade da alma. Observemos, então, o que o Novo Testamento diz a respeito da matéria.

A palavra em português deriva da palavra latina *ressurrectio* e é paralela a palavra grega *anastasis*. O substantivo no grego é a combinação do verbo *istemi* que significa “levantar-se” ou “ficar de pé” e a preposição *ana* que significa “outra vez” ou “de novo”. A idéia, então, é “levantar-se de novo” ou “ficar de pé outra vez.” Nas passagens onde se usa *anastasis* em relação ao corpo, há a idéia de fazer o corpo levantar-se da garra da morte. A ressurreição, então, no sentido neotestamentário, significa a restauração do corpo à vida. Qualquer idéia de sobrevivência que deixa de incluir o aspecto da restauração do corpo dos poderes da morte para fazê-lo viver de novo não se harmoniza com o ensino do Novo Testamento. A qualidade deste corpo restaurado será indicada depois; contudo, afirmamos aqui que esta restauração é mais do que meramente ressuscitação ou re-estabelecimento das funções normais e físicas do corpo, como tal experimentado por Lázaro, pela filha de Jairo e pelo filho da viúva de Naim.

### Ensinos do Novo Testamento que afirmam a ressurreição do corpo

Reflexões sobre a sobrevivência do corpo após morte são observadas frequentemente no Novo Testamento. Alguns acharam que Jesus era João Batista ressuscitado dos mortos (Mt 14.2; Mc

<sup>8</sup> Reinhold Niebuhr, *The Nature and Destiny of Man*, Vol. II (New York: Charles Scribner's Sons, 1949, p. 294.

<sup>9</sup> 1 Co 15.12 - 14

6.16; Lc 9.7). Também, a declaração explícita de Marta a respeito de seu irmão afirma a sua crença na sobrevivência: “Eu sei... que ele há de ressurgir na ressurreição do último dia” (Jo 11.24).<sup>10</sup> Jesus declarou em Jo 5.25 – 29 que haveria uma ressurreição dos mortos. Há uma comparação aqui entre a obra que ele opera nos mortos espirituais com a nos mortos físicos. No versículo 25 ele diz que já chegou a hora em que os mortos (espirituais) ouvirão a Sua voz e viverão. Está falando daqueles que virão à vida espiritual através do processo de regeneração. É claro que nem todos vão passar por essa experiência, pois alguns não ouvirão. Jesus reconhece que há alguns que vão achar esta operação espiritual muito difícil. Procede dizer-lhes que não hão de maravilhar-se nisto, pois haverá uma operação semelhante na esfera física que ser-lhes-à mais difícil de aceitar. No versículo 28 Ele enfatiza o fato que “todos os que se acham nos túmulos (os mortos físicos) hão de ouvir Sua voz e ressuscitarão.” O que nos importa nisto é que Ele declara positivamente que haverá a ressurreição do corpo que sofrerá uma transformação, tornando-se o corpo celestial.

Mais tarde, os Tessalonicenses estavam lamentando a perda dos seus queridos mortos por não poderem participar da glória de Jesus na Sua segunda vinda.<sup>11</sup> O apóstolo Paulo esclarece-lhes que o problema que os perturbava não tinha fundamento. Diz que quando o Senhor voltar, os crentes que vivem não terá vantagem nenhuma sobre os crentes mortos. A expressão “de modo algum procederemos os que dormem” seria melhor traduzida se fosse “de modo algum teremos vantagem sobre os que dormem.” É interessante observar que o

apóstolo acha que a ressurreição do corpo é de tal modo que nada se perde pela morte. Há muitas outras passagens que afirmam a ressurreição, mas basta apenas notar que, o Novo Testamento é explícito no ensino desta doutrina.

## A ressurreição de Jesus e o corpo celestial

A ressurreição do corpo material de Jesus ilumina certos aspectos concernentes ao corpo celestial do homem. É a garantia e esperança cristã da ressurreição daqueles que nEle crêem como Paulo afirmou em 1 Co 15.20 – 21: “Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito as primícias dos que dormem. Porque, assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem.” É claro de um estudo do Novo Testamento que o conceito do corpo celestial é baseado na ressurreição de Cristo. O que Jesus experimentou em ressuscitar dos mortos há de acontecer a outros. Portanto, convém observar como Jesus e os escritores sagrados interpretaram a Sua ressurreição.

Notemos que Jesus predisse a ressurreição do Seu corpo. Ele foi o primeiro a declarar que ia ressuscitar, portanto, não é resultado da contemplação daqueles que O seguiam e que se maravilhavam com os sinais que Ele operava. A morte nem a ressurreição vieram surpreender Jesus. Sabia que a morte não podia segurá-LO, pois não tinha direito algum sobre a Sua vida. Ele tinha certeza que ia levantar-Se do túmulo.

Apontou o “sinal de Jonas” em Mt 12.39 – 40; 16.4 e Lc 11.29. Há indicação aqui que no Seu pensamento Ele julga a sua

<sup>10</sup> Outras passagens que indicam a ressurreição são: At 24.15; 1 Co 15; Fp 3.21; 1 Ts 4.14 – 16; 2 Pe 3.7, 10, 13; 21.1, 5.

<sup>11</sup> 1 Ts 4.13 - 18

ressurreição ser a autenticação de que Ele é o Ungido de Deus. Paulo concordou com isto dizendo que Jesus “foi poderosamente demonstrado Filho de Deus” (Rom. 1.4) pela ressurreição dos mortos. Langston foi justo em declarar que “Ele não foi feito Filho de Deus pela ressurreição, porque já o era desde o princípio, mas foi *declarado* Filho de Deus pela ressurreição (sic).”<sup>12</sup> Em Mt 16.21, Mc 8.31 e Lc 9.22 Jesus anunciou que seria morto mas ao terceiro dia levantar-se-ia. Marcos utiliza o tempo imperfeito em 9.31 para indicar que era costume de Jesus repetidamente ensinar os discípulos que ressuscitaria no terceiro dia da Sua morte.<sup>13</sup> Em Mt 17.9 e Mc 9.9 Jesus pediu aos discípulos que não relatassem os eventos da transfiguração até após a Sua ressurreição. Também, informou-lhes que iria a seu encontro na Galiléia depois de ressuscitar, Referências em abundância assim indicam que Jesus estava ciente antes de morrer da Sua ressurreição.

Baseando-se nisto e no fato da Sua ressurreição, os Seus discípulos, também, predisseram a ressurreição dos homens. Às vezes o que eles disseram não passava de uma simples afirmação da ressurreição de Jesus para torná-lo Senhor “tanto de mortos como de vivos.”<sup>14</sup> Outras vezes enfatizaram o agente e o resultado da ressurreição.<sup>15</sup> Logo veremos como aplicaram as mesmas idéias à doutrina da ressurreição dos homens.

O que é de mais importância para nós neste estudo é o conceito que os discípulos tinham do corpo de Jesus após a Sua ressurreição. Devemos reconhecer que há muito mistério sobre a natureza do Seu corpo. Porém não há dúvida que o corpo ressurreto de Jesus foi o mesmo que foi crucificado na cruz. Foi Seu próprio corpo que ressuscitou do túmulo. Pelo menos os Seus discípulos estavam convencidos que se encontravam diante do mesmo corpo que foi detido no sepulcro.<sup>16</sup>

Também, não acharam nada estranho conversar com Ele, reconhecendo que era o mesmo Jesus no seu corpo palpável.<sup>17</sup> Parece que Maria Madalena segurava Jesus quando Ele lhe falou: “Não me detenhas” (Jo 20.17), e as outras mulheres abraçaram-lhe os pés ao encontrarem-se com Ele.<sup>18</sup> Ele pediu a Tomé que tocasse o Seu corpo.<sup>19</sup> Perguntou aos discípulos se tinham alguma coisa para comer e, quando lhe deram peixe, comeu na presença deles.<sup>20</sup> Assim, percebemos que era corpo real.

Também, era corpo transcendente. Sua ressurreição não era apenas uma restauração das funções físicas. Seu corpo não era mais sujeito ao tempo, espaço ou matéria. Apareceu numa sala onde as janelas e portas estavam fechadas.<sup>21</sup> Desapareceu da vista de dois discípulos em Emaús.<sup>22</sup> Mais tarde eles ficaram cientes duma outra manifestação de Jesus mesmo, em Jerusalém, no mesmo dia em que lhes apareceu.<sup>23</sup>

<sup>12</sup> A. B. Langston, *Esboço de Teologia Sistemática* (Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1951). p. 320.

<sup>13</sup> Veja Também Mt 17.23; 20.19; Lc 18.33; Jp 2.19.

<sup>14</sup> Veja Rm 14.9; 1 Co 15.4 - 8; Fp 3.10 - 11; 2 Tm 2.8.

<sup>15</sup> Rm 8.11; Gl 1.1; Ef 1.20; Cl 2.12; 1 Ts 1.10; Rm 6.4.

<sup>16</sup> Mc 16.14; Jo 20.18; 1 Co 9.1

<sup>17</sup> Mt 28.18 - 20; Lc 24.17; 25 e seg.

<sup>18</sup> Mt 28.9.

<sup>19</sup> Jo 20.27.

<sup>20</sup> Lc 24.4 - 43

<sup>21</sup> Jo 20.19 - 26.

<sup>22</sup> Lc 24.31.

<sup>23</sup> Lc 24.33 - 34.

Aparentemente Seu corpo foi transformado de tal maneira que possuía poderes que transcenderam às leis naturais da vida. Seu corpo era palpável e transcendente. Como o corpo antes da crucificação servia para as exigências da vida deste mundo, Seu corpo ressurreto seria para as necessidades de um novo nível de vida. A maravilha de tudo isso era incompreensível aos discípulos, por isso não escreveram mais sobre o assunto. Contudo, a crença sobre a ressurreição de Jesus influenciou o conceito do corpo celestial dos homens.

## A transformação do corpo material

Dizer que o corpo material vai experimentar a ressurreição para tornar-se o corpo celestial do espírito não quer dizer que o corpo atual entrará nos céus nas mesmas condições que lhe pertence presentemente. O Novo Testamento ensina que o corpo será transformado, assim permitindo-lhe passar para a eternidade preparado.

## A necessidade de transformação

A passagem clássica sobre a transformação do corpo físico é 1 Co 15. Há uma afirmação enfática que Paulo faz no versículo 50: “Isso afirmo, irmãos, que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção.” Assim, temos a necessidade da transformação. Esta transformação não significa a aniquilação do corpo atual. Também, a objeção científica sobre a impossibilidade desta transformação diante do fato que o corpo se renova de

sete em sete anos não prevalece. Alguns perguntam, “Qual dos corpos será?” Creio que não há vantagem em discutir esta objeção tendo em vista a onipotência de Deus e a impossibilidade nossa de explicar todos os fenômenos divinos. Basta dizer que o corpo de um homem de setenta anos não é composto das células com que nasceu, mas quem vai dizer que não é o mesmo corpo? Alguns acham que essa expressão de Paulo significa que o corpo celestial não será composto de carne e osso, mas espírito. Isto, porém, não corresponde à declaração de Jesus, que Seu corpo ressurreto era de carne e osso. Aqui Paulo se refere à carne e sangue como nós os conhecemos, sujeitos a corrupção e decomposição. Desde que a mudança e a decomposição são fenômenos naturais no corpo físico, ele não é próprio para a habitação eterna da alma. “O que é sujeito a morte não pode permanecer eternamente onde a morte é desconhecida”.<sup>24</sup>

## Ressurreição e transformação

O apóstolo afirma que há duas maneiras que serão utilizadas para preparar o corpo material para a eternidade. Os mortos experimentarão a ressurreição. Os que vivem quando Cristo voltar para o mundo serão transformados instantaneamente. Como os mortos levantar-se-ão de repente a voz do arcanjo e ao som da trombeta,<sup>25</sup> assim também os vivos serão transformados “num momento, num abrir e fechar dos olhos” ao ouvirem o som da trombeta.<sup>26</sup> É o movimento mais rápido do corpo, significando a instantaneidade de transformação. A transformação será experimentada pelos vivos, e também pelos

<sup>24</sup> Summers, op. cit. p. 71.

<sup>25</sup> 1 Ts 4.17.

<sup>26</sup> 1 Co 15.52.

mortos no ato da ressurreição, assim preparando-os para a eternidade.

## O agente da transformação

Os escritores inspirados são cuidadosos em observar que Deus está envolvido em todas estas operações. Paulo apresenta a questão em 1 Co 15.35 dizendo: “Como ressuscitam os mortos?” Era um problema no pensamento religioso dos Judeus e na filosofia grega. Jesus declara explicitamente em Jo 5.26 que Ele é a causa da regeneração do crente e também da ressurreição dos mortos. Desde que Deus tem poder para nos dar o tipo de corpo necessário para a vida atual, certamente tem o poder para nos ressuscitar e nos dar o corpo necessário para a vida futura. Isso nos leva a perguntar qual é a natureza do corpo celestial.

## A NATUREZA DO CORPO CELESTIAL

Não há uma sistematização no Novo Testamento sobre a natureza do corpo celestial. Contudo, há certas afirmações que iluminam este aspecto do nosso assunto.

### Um corpo adaptado para a Vida Eterna

Em primeiro lugar o apóstolo Paulo indica que o corpo celestial será adequado para o desempenho das

funções celestiais. “O corpo atual é projetado e adaptado para o uso da alma; o corpo ressurreto será projetado e adaptado para o uso do espírito.”<sup>27</sup> Aqui no mundo o corpo é adequado e funcional para a residência da alma. No além-túmulo o corpo celestial será também funcional para o espírito. Com três ilustrações Paulo argumenta o seu pensamento em 1 Co 15.35 – 38. Olhando para o mundo vegetal, observa que o grão de trigo passa pelo processo de decomposição, mas Deus daquela morte produz vida mais abundante, onde há não um grão apenas, mas uma planta verde e bonita que produz muitos grãos.

Duas coisas que nós deduzimos disto é a identidade e continuidade do corpo. Cada semente tem o seu próprio corpo para distinguí-la das demais. Dr. Gould observa que a analogia é que “há uma ressurreição no mundo natural, em que, enquanto se dá a dissolução do velho corpo, surge dele... um outro corpo, determinado em forma em cada caso pelo desenho original, e relacionado de tal maneira à semente da qual surgiu, assim distinguido de todos os demais (novos corpos).”<sup>28</sup> O corpo ressurreto mantém a sua identidade em relação aos demais, e Paulo indica que isto é possível por ser relacionado ao corpo atual. Há continuidade do corpo atual para o corpo celestial, mas o segundo é mais transcendente do que o primeiro, como a planta é mais transcendente do que a semente que a gerou.

Olhando para o reino animal, observa que há vários tipos de corpos – o do homem, o das feras, o das aves e outro dos peixes. Deus na Sua sabedoria dá o tipo de corpo que cada criatura precisa

<sup>27</sup> Strong, op, cit., p. 1017.

<sup>28</sup> E. P. Gould. “The First Epistle of Paul to the Corinthians”. *An American Commentary on the New Testament*, ed. Alvah Hovey (Philadelphia: The American Baptist Publication Society, 1887), V, p. 136.

conforme a natureza de vida na terra. Segue, então, que Deus tem poder de nos dar o tipo de corpo que precisamos para a vida eterna.

Também, Paulo observa que há uma variedade de corpos celestes. Há um que nós denominamos sol, outro lua e outro estrelas, que variam entre si no seu esplendor. Sendo que Deus tem a sabedoria de confeccionar os corpos celestes conforme as suas funções, não há dúvida que nós teremos, também, o corpo conveniente para a vida além.

O ponto que Paulo destaca nesta altura é que o corpo celestial é corpo mesmo, e não simplesmente espírito, vivendo incorpóreo através da eternidade. Dr. Conner<sup>29</sup> afirma que “corpo espiritual” não quer dizer um corpo que é simplesmente espírito em essência. Tal não seria corpo nenhum. No estado eterno o nosso espírito será revestido ou objetivado pelo corpo celestial.

“Concernente à identidade, será o corpo que nós temos atualmente, mas diferente com respeito a composição e princípios de vida.”<sup>30</sup> O corpo glorioso do Senhor era de carne e osso mas não sujeita o espaço.<sup>31</sup> Após o ato redentivo do Senhor na cruz, Seu corpo sofreu uma transformação na ressurreição, porém, continuava sendo o mesmo corpo. Provavelmente, é uma experiência semelhante de que Paulo diz que o crente espera em Ro 8.21-24. Ali ele fala que nós esperamos a redenção do nosso corpo. Aparentemente, a redenção de Cristo inclui o corpo tanto quanto a alma.<sup>32</sup> É esta crença que constitui o motivo da reverência que nós exercemos no trato dos cadáveres.

*De Adão o homem recebe um corpo físico que é sujeito à morte e decomposição. De Cristo, através da nova relação em regeneração, o homem receberá um corpo espiritual que não é sujeito à morte e decomposição. O corpo do homem não pode existir nesta vida sem o espírito e nem tampouco existirá o espírito durante a eternidade sem o corpo. O corpo serve aqui como tabernáculo do espírito no plano terrestre; servirá também como tabernáculo do espírito no plano celestial.*

## Um corpo em contraste ao corpo atual

Embora o Novo Testamento não revela tudo que gostaríamos de saber, não deixa a natureza do corpo celestial ser adivinhada pelos teólogos. Através de uma série de contrastes Paulo esclarece em 1 Co 15.42 – 50.

Ele volta para sua ilustração da semente. Como a semente, o corpo físico é semeado em corrupção e ressuscita em incorrupção. O contraste aqui é entre o corpo que é sujeito à decomposição e o que não é sujeito à decomposição.

“Semeiam-se em desonra, ressuscita em glória.” A desonra é o resultado de ser contaminado pelo pecado.

Será ressuscitado em glória para não mais ser contaminado por ele.

O terceiro contraste é que o corpo é semeado em fraqueza e ressuscitado em poder. Nesta vida o corpo tem sido muito limitado. Não pode atingir o máximo do

<sup>29</sup> W. T. Conner, *Christian Doctrine* (Nashville: Brodman Press, 1937), p. 313.

<sup>30</sup> Kenneth Wuest, *Golden Nuggets from the Greek New Testament* (Grand Rapids: Wm. B. Erdmans publishin Company, 1955), p. 49.

<sup>31</sup> Lc 24.39; 1 Jo 1.1

<sup>32</sup> Veja também Fp 3.21.

propósito divino para ele. No estado eterno o corpo não sofrerá tais limitações.

Quarto, o corpo é semeado em corpo natural mas será ressuscitado em corpo espiritual. Devemos destacar que Paulo não está dizendo que foi semeado corpo e ressuscitado espírito. “O corpo ressurreto será corpo espiritual. Por isso não queremos dizer que será composto de alguma coisa imaterial, vaporosa, e ilusiva. Será corpo em que a vida espiritual do homem predomina.”<sup>33</sup> É semeado um corpo físico (phuxikon) e ressuscitado um corpo espiritual (pneumatikon). Os dois adjetivos têm como sufixos ikon. No grego quando um adjetivo termina por este sufixo o significado é de suficiência para realizar todas as funções indicadas pela palavra à qual está ligado. O corpo espiritual será perfeitamente adequado para realizar as suas funções no plano celestial. É exatamente neste ponto que Paulo ultrapassou o conceito judaico da ressurreição em dizer que o corpo celestial é corpo real, e também, o conceito grego da imortalidade em dizer que a ressurreição é mais do que a restauração das funções físicas e naturais.

Em Filipenses 3.20 – 21, Paulo indica que os cidadãos dos céus aqui na terra esperam a volta do “Salvador, o Senhor Jesus Cristo que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz pode de sujeitar também a si todas as coisas.” É extremamente confortador saber que o corpo celestial será em natureza igual ao corpo glorioso de Jesus que não está mais sujeito nem à morte, nem às limitações deste mundo.

## CONCLUSÃO

A teologia do Novo Testamento é *theologia in conspectu mortis*. Portanto, uma das suas doutrinas cardiais é: “O que acontece aos nossos mortos?” A igreja primitiva respondeu esta pergunta com pensamentos antigos e novos, mas jamais pretendia dar todas as informações sobre o além.<sup>34</sup> Porém, preparou os fiéis para a morte, ensinando-lhes que o estado posmortis é provisório e apontando-lhes aquele estado final quando ressuscitarão para viver eternamente em corpo celestial com o Senhor Jesus.

<sup>33</sup> Wuest, op, cit., p. 49.

<sup>34</sup> Ethelbert Stouffer, *New Testament Theology* (New York: The Macmilian Company, 1961), p. 212.